

Revista da  
Reitoria  
da Universidade  
de Coimbra

Número 25  
Trimestral  
Julho  
2009

[www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)  
[rualarga@ci.uc.pt](mailto:rualarga@ci.uc.pt)



# RUA LARGA



# Vista Inédita de Coimbra

António Filipe Pimentel \*

A Reitoria da Universidade acaba de adquirir, no mercado de arte e com destino ao futuro Museu da Universidade de Coimbra – velhinho projecto que começa a materializar-se com nova consistência–, um pequeno mas precioso desenho, de 197 x 319 mm, que constitui a terceira mais antiga vista da cidade até hoje conhecida, após as de Georg Hoefnagel (inserta na obra de Georg Braunio, *Civitates Orbis Terrarum*, editada em Colónia em seis volumes, entre 1572 e 1617 – e com recente e luxuosa reedição fac-similada) e de Pier Maria Baldi (esta destinada a ilustrar o relato da passagem por Coimbra, integrada num périplo por Espanha e Portugal, do futuro Cosme III de Médicis, Grão-Duque da Toscana, em 1669 – a qual, de igual modo, conheceria, no que respeita à etapa coimbrã, uma recente edição de texto e desenho, da responsabilidade da Câmara Municipal e com estudo de Raquel Magalhães). Trata-se, com efeito, da única imagem até hoje registada da cidade universitária, produzida após as que acabam de referir-se e antes da emergência da litografia – e, obviamente, antes de iniciar-se a sua reprodução fotográfica, cuja história, entretanto, os estudos de Alexandre Ramires têm feito notavelmente recuar: o que lhe confere uma objectiva e notável relevância científica.

Realizada à pena e parcialmente aguarelada, sobre papel grosseiro desprovido de marca de água, a vista de Coimbra, sobre a qual se traçaria uma quadrícula que induz a noção de destinar-se a ampliação, constitui, na verdade, essencialmente um esboço ou estudo para obra posterior e tem por ponto de mira,

como habitualmente, a margem esquerda, donde a cidade surge como propositadamente modelada, com o morro da alcáçova declinando lentamente para o rio. Sem qualquer assinatura que permita aventar uma autoria, na ausência de um atento e demorado estudo que transcende, obviamente, as ambições desta breve nota, possibilita, todavia, uma datação. A qual, seguramente, não deverá andar longe da viragem do século XVIII para o XIX. Com efeito, nela avulta, em primeiro plano, a ponte manuelina, ainda rematada pela torre da portagem e, da Estrela (com a muralha da couraça ainda livre de adições urbanas) à Sapiência (Santa Cruz transcende já a perspectiva do desenhador) é ainda a cidade intocada pelos efeitos da desamortização dos bens eclesiásticos de 1834, o que se divisa. Por outro lado, no Paço das Escolas – cuja configuração geral persiste a que chegaria aos dias de hoje (excepção feita às obras de *requalificação* dos alçados exteriores da Biblioteca Joanina promovidas pela DGEMN na década de 1940) –, ostenta-se já, plenamente edificado, o *Observatório Interino*, projectado por Manuel Alves Macomboia em substituição do do castelo, concluído exteriormente em 1791 e que ocuparia o topo livre do pátio escolar até à sua demolição, nos anos 50 do século findo: o que objectivamente lhe faculta um *terminus ante quem*. E de igual modo se ostenta ainda, essencialmente íntegra, a grande plataforma contrafortada que o protegeria pelo ocidente, bem visível no desenho de Hoefnagel, erguida por Boitaca ao tempo das grandes obras de D. Manuel I.

Entretanto e para Sul (o extremo direito do desenho) o grande espaço da cerca dos Beneditinos que o Jardim Botânico ocuparia – sabendo-se, como se sabe, que seria a obra mais demorada do complexo dos *estabelecimentos científicos* pombalinos – permanece ainda aparentemente intocado (fora a mata), com casario avulso que o respectivo plantio faria remover, recortando-se contra o aqueduto, plenamente visível: e é este um dado que releva para a história daquele que é, inquestionavelmente, um dos mais belos e fascinantes trechos do património universitário e também para a história do desenho, tendo em conta saber-se que a conclusão deste programa seria um dos grandes projectos de D. Francisco de Lemos no seu segundo reitorado (1799-1821), ocupando-o essencialmente nos anos terminais, onde a má-língua universitária o cominaria de gastar os recursos da instituição “em construir muros de pedra e cal, e socalcos, que, não podendo concorrer para o adiantamento das sciencias, pelos seus muitos defeitos, nem ao menos servem de recreio”. Obtido, pois, por esta via, o *terminus ad quem* – o arranque do plantio do Botânico –, a cronologia do desenho parece, com efeito, poder estabilizar nos inícios de 1800, garantindo assim à cidade um terceiro marco iconográfico, com intervalo quase secular: Hoefnagel, em finais do século XVI; Baldi, no terceiro quartel do XVII; o que nos ocupa, dos

anos finais do século XVIII ou (mais provavelmente) já dos iniciais do XIX. De facto, em primeiro plano, fornecendo a escala da composição, o que parece ser o esboço de um casal de camponeses, pode, na verdade, proporcionar ainda – mais, talvez, que o desenho do edificado, num país então de austero paisagismo urbano (logo, com diminutas possibilidades de confronto) – a pista para uma indagação autoral que seria objectivamente útil apurar.

Mas útil será, sobretudo, para a História de Coimbra e da sua evolução urbana (em sobreposição com a cartografia conhecida e a que – como se documenta na surpresa deste achado – possa ainda vir a desvendar-se) que a investigação mergulhe, como se impõe, com a demora que merece, na análise das minúcias deste documento iconográfico inquestionavelmente precioso. Demora de que muito há a esperar, para todas as áreas que se entrecruzam no estudo de um património – o da Universidade e o da urbe que a acolhe e a que se encontra indissolúvelmente ligada: convocadas ambas, aliás, no grande desígnio comum que constitui a candidatura da Escola a Património Mundial UNESCO e que implica a requalificação que a há-de enquadrar. Uma e outra assentes em reflexão e estudo que por esta via se enriquecem.

\* Pró-Reitor para o Património da Universidade de Coimbra

